

HOMENS E MULHERES NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ROMANCE O QUINZE E O RECONHECIMENTO DAS DEMANDAS POR POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÊNERO

*Manuelle Nascimento da Silva
Mailiz Garibotti Lusa
Universidade Federal de Alagoas/UFAL*

RESUMO: O texto aqui apresentado tem por objetivo compreender as relações de gênero que remete a divisão sexual do trabalho no semiárido brasileiro, tendo como base para esta discussão a análise do romance de Rachel de Queiroz 'O Quinze', havendo o reconhecimento da necessidade de políticas públicas a partir do parâmetro de igualdade de gênero.

PALAVRAS CHAVE: Relações de gênero. Literatura. Políticas Públicas.

HOMBRES Y MUJERES EN EL SEMIÁRIDO BRASILEÑO: UN ANÁLISIS DE LAS RELACIONES DE GÉNERO EN EL ROMANCE EL QUINCE Y EL RECONOCIMIENTO DE LAS DEMANDAS POR POLÍTICAS PÚBLICAS DE GÉNERO

RESUMEN: El texto aquí presentado tiene por objetivo comprender las relaciones de género a las que remite la división sexual del trabajo en el semiárido brasileño, teniendo como base para esta discusión el análisis de la novela de Raquel de Queiroz 'El Quince', habido el reconocimiento de la necesidad de políticas públicas a partir del parámetro de la igualdad de género.

PALABRAS LLAVE: Relaciones de género. Literatura. Políticas Públicas.

INTRODUÇÃO

Ao propor a discussão sobre as relações de gênero no romance 'O Quinze', de Rachel de Queiroz, e sobre o reconhecimento das demandas por políticas públicas de gênero, visualiza-se a necessidade de apresentar os conceitos que fundamentam as discussões.

Neste sentido, no primeiro item do trabalho são discutidas algumas categorias teóricas como 'gênero', divisão sexual do trabalho, masculinidades e feminilidades, identidades de gênero e cultura patriarcal. Essa discussão, desde este primeiro momento, é contextualizada nas experiências do semiárido brasileiro.

Na segunda parte, adentra-se na obra de Rachel de Queiroz, analisando as relações sociais e os papéis desempenhados por mulheres e homens que figuram como personagens da obra. Já na terceira e última parte do trabalho, são apontados alguns elementos necessários para que se possa discutir e promover políticas públicas de gênero, de forma efetiva.

PRESSUPOSTOS PARA A ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Ao abordar a categoria 'gênero', pensamos automaticamente na discussão sobre a mulher e sobre a opressão feminina operada pelo sistema patriarcal. Entretanto, é necessário entender que as relações de gênero vão bem mais além do que abordagens de temas sobre a mulher, ou seja,

abrangem as relações de gênero referentes às mulheres e aos homens, como seres sociais pertencentes a uma mesma sociedade e que nela se relacionam. Portanto, desde o início desse estudo, advertimos que, ao falar sobre gênero, estamos tratando tanto sobre mulheres, como sobre homens.

Nota-se a necessidade de desvincular a ideia de que o masculino e o feminino se constroem na dominação de um sexo sobre o outro. Segundo Scott (1995, p. 75), “o termo 'gênero', além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro”. Sendo assim, a discussão de ‘gênero’ deve abarcar a totalidade das relações e não restringir-se a apenas um dos sexos.

Ao tratarmos de ‘gênero’ estamos lidando com fatores culturais que já estão, de certa forma, pré-estabelecidos pela sociedade e se modificam de acordo com sua história. Com isto, não indicamos que haveria um determinismo social, pelo contrário, ressaltamos a ideia de que as relações sociais de gênero são construídas historicamente, guardando sempre relação entre passado, presente e futuro, os quais se entrelaçam através das trocas de valores, hábitos, costumes e modos de vida entre as gerações.

É neste sentido que os estudos recentes apontam que a categoria 'gênero' é uma categoria de análise histórica. Ou ainda, no que diz Scott (1995),

O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder político tem sido concebido, legitimado e criticado. Ele não apenas faz referência ao significado da oposição homem/mulher, ele também o estabelece. Para proteger o poder político, a referência deve parecer certa e fixa, fora de toda construção humana, parte da ordem natural ou divina. Desta maneira, a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se, parte do próprio significado de poder[...] (1995, p. 92)

Dentro dessa perspectiva, há o sexo masculino tentando se manter e continuar no poder, por outro lado há a mulher reivindicando e buscando poder para se tornar um ser socialmente reconhecido.

Outro campo em que a relação de gênero é amplamente discutida diz respeito à construção da identidade. Segundo Joan Scott,

'gênero' torna-se, aliás, uma forma de indicar as “construções culturais”- a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. (1995, p. 75)

Por conter traços de uma análise cultural, quando se nasce, a depender do sexo, sua identidade assume traços da identidade de gênero já pré-conceituados e outros que vão sendo incorporados ao longo de sua vida nas relações em sociedade. A sociedade assume, assim, o papel mais importante na construção dessa identidade.

É importante ressaltar que a criação dessas identidades contribui para a perpetuação do patriarcado, em que traz consigo um símbolo de poder masculino, onde o homem é dotado de

inteligência, força e virilidade. Como provedor, é o responsável pelo sustento da família, sendo considerado superior à mulher. Caberia a mulher, então, ocupar os espaços do âmbito doméstico, onde predominam a submissão e a invisibilidade, características essas que ficam gravadas nas identidades de mulheres mas também de homens. Destarte,

Esta categoria analítica indica a existência de uma identidade que é prévia à existência do próprio indivíduo social que lhe é atribuída como sendo 'sua própria identidade'. É como se fosse colocada uma máscara permanente no indivíduo, que o impossibilita de construir ele mesmo a sua identidade, através de suas relações sociais, políticas e culturais, segundo o contexto e a conjuntura em que vive (LUSA, 2009, p.170).

Como nos mostra Lusa, esta identidade já é formada mesmo antes do nascimento e passa a ser atribuída como se fosse sua própria identidade, diferenciando-se de acordo com cada sexo. Há de se considerar também a existência de certa dificuldade para cada ser se posicionar como algo diferente daquela identidade que já lhe foi atribuída, tendo como consequência um segmento de padrões que passa a ser legitimado como sua escolha, mesmo que isso não tenha ocorrido.

Esse entendimento nos remete a célebre frase de Simone de Beauvoir (1949), quando esta nos chama atenção de que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Ou seja, o que vai atribuir significados – inclusive identitários - é o meio em que o indivíduo está inserido. Ou ainda: será a sociedade quem vai dizer como deveria se comportar um homem e como deveria se comportar uma mulher. Destarte, definido o sexo da criança, ela apenas vai absorvendo essas informações e se tornando aquilo que lhe é imposto pelas gerações anteriores.

É constante pensarmos que apenas as mulheres estão expostas as imposições sociais, ou simplesmente associarmos essa opressão à responsabilidade masculina, enquanto esquecemos que como a mulher, a identidade masculina é criada socialmente, e não nos questionamos se esses homens, denominados opressores, não se sentem prejudicados com essa identidade que lhes é atribuída ao nascerem.

A identidade atribuída ao masculino indica que o homem deve ser forte, usar sempre a sua racionalidade, não pode aparentar fraqueza ou demonstrar sentimentos, como choro, insegurança ou medo. Como provedor, tem que estar sempre à frente de sua família, oferecendo segurança e estabilidade, pois esse é seu papel como macho.

Lembremos do que é dito para as crianças do sexo masculino ao se machucarem: “Não chore! Homem não chora”. Já nesta expressão, fica evidente que chorar é sinal de fraqueza e fraqueza é uma característica não é permitida ao sexo masculino.

Assim, percebe-se que o próprio homem se torna refém de sua masculinidade, pois para ser considerado ‘macho’ entende que necessita reafirmar a sua masculinidade cotidianamente. Um dos exemplos mais visíveis é a necessidade de sua afirmação sexual, a partir dela espera-se que o homem possua várias parceiras, afim de provar sua virilidade masculina. Além das decorrências

psicológicas, sociais e políticas que isto acarreta nas relações entre homens e mulheres, há também agravos sérios para a saúde desses homens e de suas parceiras, as quais geralmente desconhecem a gravidade da situação, que lhes acarreta infecções e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), entre outros.

Neste sentido entendemos que, também os homens, na busca da auto-afirmação e do poder masculino contribuem para que ocorram prejuízos de diversas ordens em suas vidas. É o que aponta Bourdieu (1999, p. 64), quando diz que “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”.

Mesmo considerando que as mulheres são mais oprimidas, tornando-se invisíveis perante a sociedade, há de se dizer que as consequências prejudiciais das relações baseadas no modelo patriarcal atingem também os homens. Mulheres e homens sofrem com a imposição social e histórica na qual foram construídas as relações de gênero, sendo assim ambos são vítimas de um modelo cultural e social, já que não têm autonomia para intervir na sua realidade.

Tendo apenas uma existência *relacional*, cada um dos dois gêneros é produto do trabalho de construção diacrítica, ao mesmo tempo teórica e prática, que é necessário à sua produção como *corpo socialmente diferenciado* do gênero oposto (sob todos os pontos de vista culturalmente pertinente), isto é, como *habitus* viril, e portanto não feminino, ou feminino, e portanto não masculino. (BOURDIEU, 1999, p. 34. Grifos no original).

No semiárido as relações de gênero ainda mantêm uma estrutura familiar patriarcal, em que há o domínio masculino na estrutura familiar e nas esferas política, econômica, social e cultural. Construída a partir da dominação do ‘masculino’, o universo rural tende a ser identificado como algo pertencente à masculinidade. Conforme Lusa (2009, p.170):

É possível observar que na divisão sexual do trabalho, determinada segundo os padrões da cultura patriarcal capitalista, evidencia-se a existência de uma identidade atribuída às mulheres, indicando a subalternidade feminina na agricultura familiar, sendo esse um dos aspectos que conformam o modo de vida naquele contexto, já que perpassa desde a divisão sexual do trabalho, a divisão das responsabilidades na propriedade e na vida familiar e a divisão de tarefas; responsabilidades e funções na vida pública e social das localidades rurais.

Neles, as mulheres ficam responsáveis pela reprodução, pelo âmbito doméstico, pelas criações de animais de pequeno porte e colheitas. Contudo, todas essas tarefas não são consideradas trabalho, mas sim, uma ajuda para o homem. Essa denominação de ajudante leva ao pressuposto de que a mulher, ao contrário do homem, tem que trabalhar também na casa, cuidando dos filhos e de todas as atividades domésticas e por isso não pode se dedicar exclusivamente e de forma integral as atividades agrícolas.

Mas a realidade é bem diferente desta suposição de que o trabalho da mulher é apenas 'ajuda', já que as mulheres camponesas se dedicam aos trabalhos agrícolas durante toda a semana,

todo o mês, todo o ano, saindo pela manhã logo cedo de casa e voltando ao pôr do sol, além do que, chegando lá, ainda cuidam de seus filhos, da casa, da comida e do marido.

Já o homem, enquanto provedor e responsável pela família, direciona suas atividades para a criação de gado, arrendamento das terras, queima das matas, todos trabalhos ‘considerados pesados’. Assim, como não possui uma responsabilidades com as atividades relacionadas ao âmbito doméstico, pode se dedicar de forma integral às atividades agrícolas.

Nota-se a multiplicidade de tarefas e de traços atribuídos à identidade da mulher do campo, como já dizia Lusa(2009, p.170), “nota-se na identidade (atribuída) das mulheres camponesas a existência de uma tripla subalternidade: ser mulher, ser trabalhadora e ser ‘rural’[...]”.

Essas diferenças refletem na divisão social do trabalho, em que as mulheres são responsáveis pelos trabalhos ‘considerados leves’, tornando-se invisíveis perante a sociedade, pois não considera a existência da participação da mulher na subsistência familiar. Mesmo que ela desenvolva trabalhos remunerados e que ganhe mais que o homem, ele continua sendo considerado o responsável pela subsistência da família. Como nos diz Marx (1818-1883) é através do trabalho que se constitui nossa história social. Assim, as mulheres, mesmo exercendo várias funções, muitas das vezes não são consideradas trabalhadoras, sendo assim, ficam fora da esfera social.

Na maioria das vezes a participação da mulher nas atividades agrícolas não é remunerada, elas trabalham gratuitamente, isso se dá pelo fato de não haver um reconhecimento de seu trabalho nas atividades agrícolas, pois no meio agrícola o trabalho é considerado do homem. É sua responsabilidade a concretização dessas atividades, que geram valor econômico e social. Enquanto a mulher, por não ser reconhecida como trabalhadora, fica fora da sociedade como autora social, e as poucas mulheres que trabalham e são remuneradas, seu trabalho tem valor inferior ao do homem.

É interessante ressaltar que estes fatos não ocorrem apenas no campo, mas também nas cidades. No período da Revolução Industrial, junto com as crianças as mulheres entram no cenário econômico como mão de obra barata. Segundo Iamamoto e Carvalho(2007, p. 129), mulheres e crianças estarão sujeitas à mesma jornada e ritmo de trabalho que os homens, inclusive noturno, com salários bastante inferiores.

No caso da mulher camponesa, que trabalha inclusive em tarefas consideradas duras, colocando assim, a existência da divisão sexual do trabalho em pauta, já que ela executa tanto as atividades ditas femininas quanto as masculinas, enquanto o homem continua só executando tarefas consideradas masculinas. Sendo assim, a divisão sexual do trabalho no campo, privilegia o homem, já que este continua exercendo sua tradicional tarefa, enquanto a mulher vem executando uma dupla jornada.

As expectativas entorno da mulher aumentam, ao adentrar o cenário do trabalho, ela tem não só que executar suas tarefas com perfeição, mas não descuidar da família e da casa, para que possa haver um controle do homem em relação a mulher, seu trabalho ganha valor inferior comparado ao do homem, mesmo que ambos executem tarefas iguais.

Por serem consideradas inferiores aos homens e serem consideradas incapazes de executarem os trabalhos ditos como masculinos. Muitas mulheres passam a acreditar nessa inferioridade, e aceitam viver na invisibilidade social por acreditarem que são menos capazes que eles e não reivindicam mudanças.

Isso procede mesmo quando estas mulheres passam a fazer todas as tarefas masculinas na ausência de seus maridos, ficando responsáveis pela chefia familiar quando esses emigram para outras regiões na época da seca, fato frequente na região do semiárido nordestino. Essas mulheres conseguem exercer essas funções com êxito, tanto quanto seus maridos, mas, quando eles retornam voltam a exercer suas tarefas e as mulheres retornam ao lugar que é considerado delas, ou seja, a invisibilidade social.

Feitas essas considerações acerca das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho no campo, passaremos a discutir a obra de Rachel de Queirós, intitulada 'O Quinze'. Nela será possível perceber como alguns dos conceitos que foram apresentados até este momento, podem ser reconhecidos no cenário do semiárido alagoano. Mesmo que o exercício de análise se direcione para uma obra da literatura brasileira, de cunho fictício, sabemos que o retrato das relações de gênero em 'O Quinze' fazem parte do dia a dia da sociedade brasileira e, no caso deste debate, do semiárido nordestino.

O Quinze: os papéis de homens e mulheres na literatura de Rachel de Queiroz

Analisaremos um dos clássicos de Rachel de Queiroz, escrito em 1930, 'O Quinze'. Este livro relata a seca que abateu o sertão cearense em 1915, onde ocorreu muitas perdas, tanto materiais quanto humanas, sendo a miséria predominante naquele período e território.

O romance possui como personagens principais, Conceição, uma moça que mora na cidade com ideologias totalmente diferentes da realidade a qual está inserida - uma mulher que se pode dizer que está em transição para uma nova realidade - e Vicente, um homem rústico, enraizado nas terras do sertão, provedor de sua família, representando a tradição de sua época.

Outro aspecto interessante que retrata o livro é a dualidade da realidade da seca para quem detêm posses, como Vicente; e a seca para os retirantes que não as detêm, que é representado por Chico Bento.

Neste romance, Rachel de Queiroz trata sobre os problemas do nordeste, chamando a atenção do povo brasileiro para essa região afetada por vários males, tendo como fato mais constante a miséria.

Retratando claramente o discurso posto até o momento, nota-se no romance a dicotomia entre o que é imposto por padrões já existentes e a idealização de um novo caminho como porta de escape. Assim, nesta obra perceberemos algumas nuances que envolvem o discurso sobre gênero, neste caso tendo como cenário o semiárido nordestino.

A seguir, passaremos a descrever alguns personagens, para, por fim, discutir as relações de gênero figuradas na obra em análise.

As relações de gênero em 'O Quinze'

Temos no campo feminino Conceição uma jovem de 22 anos que não quer casar, professora que mora na cidade de Fortaleza, gosta de ler livros que possuem conteúdo crítico, anda sem companhia pelas ruas, adota o afilhado, ou seja, é uma mulher que foge totalmente a tradição de sua época, é a representação da nova mulher que surge na sociedade brasileira.

Dona Inácia avó de Conceição representa o tradicionalismo da época, não compreende os novos ideais que estão surgindo e ao qual é vivenciado por sua neta, como nos mostra o trecho do romance:

Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e setenciava que mulher que não casa é um aleijão...(QUEIROZ, 1993, p. 10)

Nota-se o ideal que esperava da mulher na época, havendo o casamento como única finalidade. As mulheres que não casavam eram tidas como anormais, como pode se perceber na fala da avó de Conceição, que vê sua neta como um ser incompleto, já que abdicara do casamento. Este discurso está presente em nossa fala cotidiana, reproduzindo os papéis de gênero, quando analisamos que o papel atribuído a mulher é apenas o de constituir família, nada além disso.

Conceição não quer isso para si, ela quer bem mais. Ela quer se libertar das amarras do tradicionalismo, dedicando-se a leituras, justamente essas leituras que a tornavam em um ser crítico, para pensar em sua condição de mulher, contruindo-se como ser social. Para Queiroz (1993, p. 10), a personagem “acostumada a pensar por si, a viver isolada, criara para seu uso idéias e preconceitos próprios, às vezes largos, às vezes ousados[...].”

As mulheres de sua época tinham o casamento como a única maneira de sobreviver, eram totalmente submissas aos homens que a sustentavam, quando estes a faltam, tem como responsável por si o governo.

Conceição está no campo de concentração quando ouvem alguém chamando pelo seu nome;

- Doninha, Dona Conceição, não me conhece?

Era uma mulata de saia preta e cabeção encardida que. Ao vera moça, parara de abanar o fogo numa trempe, e a olhava rindo.

Conceição forçou a memória.

- Sim... Ah! É a Chiquinha Boa! Por aqui? Mas você não era moradora de Vicente? Saiu de lá?

A mulher inclinou a cabeça para o ombro, coçou a nuca:

- A gente viúva... Sem homem que me sustentasse... Diziam que aqui o governo andava dando comida aos pobres... Vim experimentar..." (QUEIROZ, 1993, p. 56)

Nota-se em Chiquinha Boa a representação da mulher que não se impõe em uma dada situação, estando sempre submissa a outra pessoa, não cabendo a ela as redeas de seu destino. Percebe-se neste fragmento do texto, a condição da mulher submissa a um homem, não havendo nem o interesse de trabalhar para se alimentar, sempre esperando por um provedor e quando este falta fica aos cuidados do governo, não visualizando a possibilidade para mudar tal realidade, mas pelo contrário, sentindo-se incapaz de trabalhar para sua própria subsistência.

O romance também trata de um sentimento amoroso que envolve Conceição e seu primo Vicente. Este romance fica no imaginário dos dois, já que tudo não passa de especulações que um faz em relação ao outro, nada ocorrendo de fato.

Vicente é um rico fazendo, a representação do homem rústico do sertão, enraizado naquelas terras, representando toda a sua tradição enquanto homem e provedor de sua família. Como a própria Conceição o descreve.

Todo dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia sua gente (QUEIROZ, 1993, p. 17)

Vicente representa toda a ligação do tradicionalismo, com o qual Conceição quer romper, dificultando assim, o romance entre os dois. Entre Vicente e Conceição há uma diferença cultural muito grande, pois Vicente, diferente de seus irmãos, não se interessou pelos estudos, só pela terra, ao contrário de Conceição, que é professora e sempre está em contato com os livros. Há, então, a contradição entre uma mulher culta da cidade e o homem inculto do sertão. Ambos sabem da diferença cultural que existe entre os dois por isso que o romance não vinga. Conceição tem noção dessa diferença:

Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera Machado... Nem nada do que ela lia. Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado... Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gostos, de tendência, de vida. (QUEIROZ, 1993, p. 79)

Ou seja, para a nova mulher que surgia, o homem com todos os costumes do passado não servia. Conceição exerga isso e é o que faz ela desistir desse amor por Vicente.

Vicente é um vaqueiro rico que teve todas as oportunidades de estudar no interior, no entanto optou por viver nas terras do sertão onde era sua paixão, mas em decorrência da seca começa a pensar em outras possibilidades, em desistir da vida sofredora que era levada no sertão, mesmo sendo um rico fazendeiro.

Uma vontade obscura e incerta de ascender, de voar! Um desejo de se introduzir a grandes passos na imensa treva da noite, e a atravessar, e a romper, esquecido das lutas e trabalhos, e penetrar num vasto campo luminoso onde tudo fosse beleza, a harmonia, e sossego(QUEIROZ, 1993, p. 41)

A seca como este trecho nos mostra abate até os grandes proprietários que se cansam de ver rodeado a si de tanta miséria e sofrimento, mesmo que esses não os afetem diretamente.

Há o entendimento que para Vicente fugir do tradicional a qual estava enraizado, seria o mesmo que o aprisionar ou fazendo com que ele abdicasse de si mesmo. Percebe-se a dificuldade que é se desvincular de tudo aquilo que já lhe foi imposto e que já adaptou-se, havendo a dificuldade de se adaptar a novas realidades. Mesmo tendo a vontade de emigrar, para que a vida fosse melhor se depara com a responsabilidade que recai sobre si por ser provedor da família e então desiste.

Ao levarmos essa discussão para o texto, percebemos que há a dificuldade do homem abandonar todos aqueles que dependem de si a procura de outra realidade, sendo mais difícil se desprender ao que já lhe foi imposto, a tudo aquilo que o remete por ser homem.

Uma passagem do livro que nos é interessante mencionar, diz respeito a idéia de que os trabalhos do campo são restritamente atribuídos aos homens pela necessidade de força física. Neste sentido, a mulher é descrita como um ser frágil, tal como consta no fragmento a seguir. Lourdes, irmã de Vicente, quer ver a rama, no entanto, Vicente não a quer deixar ir porque, segundo ele, ela não iria aguentar o sol. Depois de muita insistência Vicente cede. Em determinado momento Lourdes que não é acostumada com o sol fraqueja. "Mulher lá é gente pra andar no mato!" (QUEIROZ, 1993, p. 114).

Com esta fala de Vicente, percebe-se como é enraizada a idéia de que a mulher só tem que ficar no âmbito doméstico por ser frágil e não aguentar a dura vivência que é o trabalho no campo e quando esta se insere nele não é bem sucedido, restando apenas o homem como principal responsável pelo campo.

Outra personagem que remete a tradição aos costumes que Conceição quer transcender é Dona Inácia, que não se conforma com as idéias de sua neta.

Dona Inácia vai rezar enquanto Conceição fica lendo seus livros, percebe-se a diferença das duas gerações, que enquanto uma se apega ao misticismo para superar a seca, Conceição quer atitudes concretas, não apenas a fé que resolve os problemas.

Em um trecho do livro Dona Inácia volta da igreja e encontra Conceição sentada na espreguiçadeira lendo um livro.

- Esses livros prestam para moça ler, Conceição? No meu tempo, moça só lia romance que o padre mandava...

Conceição tenta encaminhar sua avó para suas idéias.

- Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais, do problema...

Dona Inácia juntou as mãos, aflita:

- E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros?

- Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar...

- E só para isso, você vive queimando os olhos, emagrecendo... Lendo tolices....

- Mãe Nácia, quando a gente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Se não a vida fica vazia de mais...

- E para que você torceu a natureza? Por que não se casa? (QUEIROZ, 1993, p. 124 – 125)

A idéia de Dona Inácia de que mulher não precisar saber mais do que cuidar de sua família, não se preocupar com sua posição na sociedade. Percebe-se também que ao renunciar o que lhe é proposto requer sacrifício e Conceição sente a perda de tais renuncia, mesmo não aceitando a posição da mulher na sociedade, pois o ser mulher já tras consigo todos os deveres biológicos de reprodução.

Pensava:

A gente precisa criar seu ambiente, para evitar o excessivo desamparo... Suas idéias, suas reformas, seu apostolado... Embora nunca os realize... nem se quer os tente...mas ao menos os projete, e mentalmente os edifique...”(QUEIROZ, 1993, p. 125)

Mergulhou no livro; as letras a chamavam: “ E a eterna escrava vive insulada no seu próprio ambiente, sentindo sempre que carece de qualquer coisa superior e nova...”

Conceição murmurou:

- o seu ambiente...

Circuncigou os olhos pela sala, pelos quartos, a mesa cheia de livros, fixou-os em Duquinha que sentado no chão fazia a bruxa cavalgar a lata...

- Ê preciso criar seu ambiente... e até, no meu, brinca uma criança...(QUEIROZ, 1993, p. 126)

Neste trecho percebe-se que mesmo Conceição tentando fugir do tradicional, mesmo assim, tudo o que lhe circunda remete ao ambiente que é atribuído a todas as mulheres.

Visualizando Dona Inácia, que sempre está bordando em casa e o Duquinha, o qual Conceição cuida como se fosse um filho, nota-se a limitação que pode acometer a vida de Conceição, assim como das outras mulheres das gerações anteriores. É como se fosse um ciclo, que para se desfazer é necessário a ruptura com todos os conceitos já existentes, para que assim, possa-se criar ambientes diferentes, muito embora sempre tenha o risco de que sempre estará ao lado de tudo aquilo com o que se quer desvincular.

Nas ultimas páginas do romance, Rachel de Queiroz, relata como tudo segue o seu fim esperado. A seca acaba e todos voltam a se reunir em Quinxandá. Tem-se a idéia de que tudo

segue o rumo que já tinha sido pré-estabelecido, como por exemplo, o fim da seca e a nova família construída por Lourinha, que agora é casada e tem uma filha; remetendo à idéia do destino esperado por toda mulher, que é a de se casar e de constituir família.

No entanto, Conceição perdura com seus ideais. Entretanto, naquele momento, ao ver Loudinha se afastar feliz com seu marido, sofre de inquietação por perceber que poderia ter tido outro futuro se estivesse escolhido caminhos diferentes, como nos mostra o trecho a seguir: “Conceição ficou olhando pensativamente a moça afastar-se, graciosa, feliz, ao braço do marido, levados ambos pela mesma passada uniforme, como que movida por uma só vontade” (QUEIROZ, 1993, p.147)

Conceição percebe o quanto Loudinha está feliz por seguir o ciclo esperado para as mulheres, trazendo ao pensamento a reflexão sobre o que teria acontecido, como ela seria hoje se tivesse seguido o fluxo a qual a maioria das mulheres são submetidas. Com certeza tudo seria diferente de sua vida atual, pois estaria casada e com filhos. Mas, nossa personagem prefere renunciar a tudo aquilo que lhe foi proposto e/ou imposto, mesmo que para isso, sinta-se muitas vezes frustrada por ter tomado tais decisões. Assim, segue sua vida só.

“Vae solis!” Pedante! Mas Loudinha parecia tão feliz com a filhinha... Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança no peito... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impreenchida... “Vae solis!” Bolas! Seria sempre estéril, inútil, só... Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolomgaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...(QUEIROZ, 1993, p. 148)

A representação da nova condição feminina, expressa na própria vida, faz Conceição seguir só, pois, só assim pode ultrapassar os velhos paradigmas que estão a sua volta. Há de se considerar que, no romance, mesmo tendo rompido com alguns modelos patriarcais, Conceição sente-se frustrada por não ter filhos e por optar por seguir a vida só.

Entra neste contexto a importância da maternidade para as mulheres, que quando não são mães, não se sentem completas. Mesmo Conceição, que cria novos conceitos para si, sente esta perda por não poder gerar um filho em seu ventre, sentido-se um elo perdido, abrindo mão de algo tão forte 'para ela' na identidade feminina que é a maternidade.

Mas ao ver Duquinha, que cria como filho, Conceição abrandando o seu coração, lembrando de todos os cuidados que dedicou ao menino ainda doente. E, consolada, murmurou: "Afinal, também posso dizer que criei um filho..."(QUEIROZ, 1993 ,p.149).

Nota-se o consolo de Conceição por ter criado um filho, mesmo não saindo de seu ventre, fazendo com que todas as suas renúncias fossem compensadas por aquele breve momento que a maternidade lhe propôs. Assim, a maternidade é sempre um assunto presente nas discussões feministas, pois, é tratado como algo biológico, presente em todas as mulheres, e renunciar a este destino é publicizado pela sociedade como algo frustrante.

Aqui aponta-se a necessidade de discutir aspectos como este, fundamentando a discussão no conceito de gênero e das relações sociais que envolvem homens e mulheres. Rachel de Queiroz conseguiu discutir em seu romance essa dualidade que envolve a mulher por optar por traçar seu próprio caminho, no seu papel perante a sociedade e a renúncia de algo tido como biológico, retratado pelo aparelho reprodutivo. A mulher anseia por uma posição social mais elevada. No entanto, para seguir seus ideais tem que negar a várias coisas ditas como naturais e, muitas vezes, por estar inserida em seu meio, a mulher se sente frustrada, como se renunciasse a algo muito importante para si, no caso a maternidade.

Conceição é exatamente a personagem em que está em transição, e que sofre pelas renúncias a qual tem que fazer, mas mesmo assim, segue, quebrando os paradigmas a qual esta ligada: casar, ter filhos e família, desfazendo o ciclo que envolve a condição feminina.

O que permanece desta discussão é a pergunta sobre quantas 'Conceição' serão ainda necessárias para que o modelo de papéis de gênero estabelecidos pela cultura capitalista patriarcal seja quebrado.

Esta é uma realidade que não reside apenas no semiárido brasileiro. Infelizmente, ela estende-se pelos diversos cantos do país, assumindo em cada região algumas características que a particularizam, mas sempre apontando para a submissão das mulheres e a dominação dos homens. Mesmo depois de mais de 80 anos da publicação de 'O quinze', nota-se ainda a reprodução de traços que já perpassavam as relações sociais no semiárido brasileiro naquela época.

Nota-se, neste sentido, a urgência de propor políticas públicas que possam subsidiar as relações sociais a partir de um parâmetro de igualdade de gênero. Será sobre isto que trataremos em nosso último ítem do estudo.

AS MULHERES E HOMENS NO SEMIÁRIDO BRASILEIRO E AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Tanto o processo de ruptura, quanto o processo de perpetuação da ordem de gênero, tal qual ainda se configura hoje, ou seja, predominantemente com a dominação masculina e a submissão feminina, acontecem através das falas, gestos e outras linguagens sociais que produzem e reproduzem no campo também os estereótipos de gênero, contribuindo para instalar padrões e a partir destes, estabelecer níveis de normalidade e anormalidade sobre o modo como o indivíduo deve ser, trabalhar, relacionar-se e se portar na sociedade.

Estes discursos acontecem de forma corriqueira nas relações sociais, geralmente de forma invisível e perpetuam traços desiguais no modo de vida de homens e mulheres camponeses no semiárido. A própria dimensão política da vida social, no que se refere às tomadas de decisão, é

reservada aos homens. Mesmo nos períodos de seca ou de migração motivada pelo trabalho assalariado temporário no períodos de safra de cana-de-açúcar, é 'concedido' à mulher – leia-se, como uma dádiva, uma benemerência – apenas certos tipos de decisão, geralmente tangíveis à esfera familiar, mas não econômica e ligada às propriedades.

O processo de reprodução dos papéis desiguais de gênero torna-se ainda mais intenso no campo do semiárido brasileiro, uma vez que as tradições são significativamente cultivadas. Em nome destas, homens não cozinham, mulheres não administram as finanças, homens não cuidam e/ou dão banho para os filhos, mulheres não dirigem os maquinários, entre vários outros exemplos.

Contudo, a perpetuação das relações desiguais de gênero pode ser trabalhada de forma a ser superada. Aponta-se, neste sentido, para a importância do planejamento, implementação e execução de políticas públicas de gênero, que possibilitem elaborar outros parâmetros para as relações entre homens e mulheres, considerando a realidade do semiárido.

Não se está indicando um receituário absoluto. A transversalidade de gênero é necessária em todas as políticas, devendo ser desenvolvida na perspectiva de homens e mulheres, Vicente's e Conceição's. Especificamente – há algumas políticas que guardam relação direta com a construção de valores e que, portanto, têm maior potencialidade para agir de forma a transformar os valores e papéis desiguais de gênero entre homens e mulheres.

Dentre as políticas que possibilitam mais rapidamente a transformação de valores no semiárido brasileiro, citamos a Política da Educação, da Saúde e da Cultura, pois através delas ocorre a transmissão direta e/ou indireta de valores, de forma informal na família, vizinhança, povoados, ou então de modo formal, nas escolas, Unidades de Saúde, bibliotecas, teatros, cinemas, na própria literatura do semiárido.

Portanto, ao mesmo tempo em que se reconhecem padrões desiguais de gênero, indica-se também que políticas públicas com a perspectiva de gênero podem contribuir para que a desigualdade entre homens e mulheres - como aquela que levou ao afastamento entre Vicente e Conceição e que indicou para a última que o modo menos subalterno de viver em sociedade é não se casando e nem convivendo com homens – seja eliminada. Para isto, é necessário que o Estado assuma sua responsabilidade na garantia dos direitos sociais, através do oferecimento de serviços sociais que contemplem a perspectiva de gênero.

Isto deve ser assumido por homens e mulheres do semiárido brasileiro como uma bandeira de luta social, pois configura-se como uma das estratégias mais eficientes para eliminação das desigualdades de gênero. Assim, afirmamos: é necessário agir, a transversalidade de gênero nas políticas públicas é tarefa urgente do Estado Brasileiro para que as desigualdades tenham fim!

Referências bibliográficas:

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *In: Revista Educação e Realidade*. V. 20, N. 2, jul/dez, 1995. pp.71-99.

LUSA, Mailiz Garibotti. **Do chão do cotidiano, o protagonismo do Movimento de Mulheres Camponesas em Terras Catarinas** – Uma trajetória de lutas, construindo identidade e conquistando autonomia. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Programa de Estudos Pós Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução: Sérgio Milliet. Vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1949].

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kunner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [1999].

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**, ed. 62. São Paulo: Siciliano, 1993.

MELO, Lígia Albuquerque de. **O ônus da invisibilidade: o trabalho da mulher na agricultura familiar** in: *Feminismo, Ciência e Tecnologia*. Organizado: Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg. Salvador: REDOR/ NEZM- FFCH/UBA, 2002. (coleção Bahianas, 8), pp. 229-241.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul de. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico- metodológica**. ed. 24ª, São Paulo: Cortez, 2008

SAFFIOTI, Heleieth I. Bongiova. **Gênero, patriarcado, violência**. 1ª reimpressão, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

MARX, Karl. **O Capital**. Tradução Gabriel Deville. 3ª edição. São Paulo: Edipro, 2008.